

A *web* como ferramenta investigativa em pesquisa sobre o plágio acadêmico¹

The web as an investigative tool in research about academic plagiarism

Wagner Teixeira Dias

PUC-Rio

wagnertedi@yahoo.com.br

Zena Eisenberg

PUC-Rio

zwe@puc-rio.br

¹ Esta pesquisa foi realizada com apoio da Faperj e da Capes.

Resumo

A utilização de entrevistas *online* como possibilidade metodológica na construção de dados de pesquisa no campo da Educação tem sido um tema de pouco debate. Este artigo aborda o uso da *web* como ferramenta investigativa em uma pesquisa em que uma questão ética está em pauta: a realização do plágio. As perguntas de pesquisa focaram as relações existentes entre plágio e autoria em pesquisas acadêmicas e dos modos como professores universitários e estudantes de graduação lidam com isso. Foram comparados dados obtidos por meio de entrevistas realizadas *online* e entrevistas presenciais. A opção pela entrevista *online* justificou-se pelo plágio ser um tema complexo que pode causar constrangimento ao entrevistado para fazer confissões ou declarações pessoais. Um total de 30 alunos de diferentes licenciaturas participaram da pesquisa, sendo que 15 foram entrevistados no modo presencial e 15 por meio de Ferramentas Síncronas de Comunicação (FSC). Os resultados indicam que as FSC são mais lentas que a fala ao vivo, permitem a realização de outras tarefas simultaneamente, levando a quebra da fluência da entrevista. Além disso, o método está sujeito a edições no texto e respostas mais cuidadosas e selecionadas, o que na oralidade não acontece: as revisões não apagam o que já foi dito. A eficiência da tecnologia foi outra questão que se destacou: problemas de conexão levaram a quebras na fluência da entrevista. Já as entrevistas presenciais têm a desvantagem tecnológica da audiogravação, o que pode levar a partes inaudíveis e perda de dados.

Palavras-chave: Entrevistas *online*. Formação de professores. Metodologia de pesquisa. Plágio.

Abstract

The use of online interviews as a methodological option in the construction of research data in the field of Education has been a topic of little debate. This article aims to discuss the use of the Web as an investigative tool in research in which ethical issues are the topic of discussion: in this case, about committing plagiarism. The research questions focused on the existing relationships between plagiarism and authorship in academic research and the ways in which university professors and undergraduate students deal with the boundary between these two. Data obtained from online and face-to-face interviews were contrasted. Online interviews were used as a means to reduce embarrassment when discussing and confessing having committed plagiarism. A total of 30 students in teacher's education courses participated in this research, half of which were interviewed face-to-face and the other half through the use of synchronous communication tools (online). Results indicate that the online interviews are slower than face-to-face, since they allow for simultaneous multi-tasking, which interferes with the interview's course. Additionally, that method allows for text editing, yielding responses that are more careful and selected; that does not happen in face-to-face interviews, where revisions do not delete what has already been said. The efficiency of technology was another matter that stood out: connection problems led to unwanted interruptions of the interviews. On the other hand, face-to-face interviews had the disadvantage inherent to using audio recording: unintelligible speech and loss of data.

Keywords: online interviews, teacher education, plagiarism, research methodology.

I ntrodução

A *internet*, que no início da década de 1990 provocou uma grande revolução em todo o globo, hoje já pode ser considerada como o mais ágil canal de contato com o mundo. Desse modo, cada vez mais, essa ferramenta passa a fazer parte do cotidiano social, estando presente em praticamente todas as instituições, sejam elas familiares, empresariais, comerciais, educacionais, religiosas.

Na educação, campo em que atuamos, pensar as relações entre educação e *web* torna-se necessário quando discutimos a inserção e a influência da cultura digital nas escolas, quando pensamos em ferramentas ou modelos de práticas que têm suas bases nas tecnologias da comunicação e informação, ou ainda quando os temas investigados se relacionam diretamente com essas tecnologias.

Pesquisadores têm voltado sua atenção às possibilidades que as novas tecnologias proporcionam para a metodologia de pesquisa. Investigações têm sido realizadas usando a *internet* como meio de observar ou entrevistar pessoas tanto individualmente como em grupo (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011; MERCADO, 2012). Por exemplo, Janghorban *et al* (2014) discutem o uso do *Skype*² para realizar entrevistas em pesquisas qualitativas. As autoras destacam a possibilidade que a ferramenta oferece de realizar não apenas entrevistas, mas também grupos focais *online* e as vantagens que essa opção traz.

Em nosso estudo, que focou no modo como licenciandos e professores universitários lidam com questões relativas à fronteira entre plágio e autoria em trabalhos de pesquisa, a *web*, como ferramenta de estudo e de consulta, entrou em discussão. Primeiramente, porque encontramos professores universitários que atribuem à *internet* a causa de os alunos copiarem e colarem, como se anteriormente eles não fizessem de livros e enciclopédias. Isso nos indicou que, embora tenha ocorrido uma mudança na ferramenta utilizada para plagiar, o *modus operandi* para tal se manteve o mesmo. Plagia-se da *internet*, assim como de livros e revistas, fazendo-se paráfrases não referenciadas ou cópias diretas de pedaços de artigos diversos, o que constitui uma verdadeira colcha de retalhos acadêmica.

Com relação aos elos entre *web* e metodologia de pesquisa, no caso deste estudo, percebemos que o tema, de difícil abordagem, poderia constranger os entrevistados, o que

² *Skype*, recentemente adquirido pela *Microsoft*, foi uma das primeiras ferramentas de comunicação online para usuários que desejavam manter contato com pessoas a longa distância.

nos levou a optar por um modelo de entrevistas realizadas a distância. Utilizamos Ferramentas Síncronas de Comunicação³ (a partir daqui FSC) para a realização das entrevistas de modo a conseguirmos produzir dados e obter as respostas para nossos questionamentos: como se configura o plágio, que ferramentas são utilizadas, como professores e licenciandos concebem o conceito de plágio e de autoria, que juízos morais possuem e como lidam com as questões de integridade acadêmica que está intimamente ligada ao objeto de pesquisa? A metodologia aplicada visou não apenas a assegurar maior confiança ao entrevistado, mas também garantir o rigor acadêmico na produção, interpretação, organização e tratamento dos dados.

Assim, o uso das entrevistas via FSC nos permitiu ampliar o diálogo com outras pesquisas que veem as FSC como uma opção metodológica necessária na construção de dados para determinados tipos de pesquisas que envolvem temas delicados e de difícil abordagem.

Assim, na primeira parte do artigo, realizamos uma contextualização acerca das entrevistas via FSC, apresentando alguns estudos sobre o tema. Na sequência, apresentamos o caminho metodológico utilizado em nossa empiria, de modo a permitir ao leitor um contato detalhado com as etapas de realização da investigação, com os participantes e com os procedimentos realizados. Por fim, tecemos nossas considerações acerca dos prós e contras das entrevistas via FSC, que estabelecem novas conexões entre pesquisa qualitativa em Educação e novas metodologias de pesquisa.

Contextualização

Algumas áreas do conhecimento, como o *marketing*, por exemplo, apostam em um crescimento do uso da *web* para a realização de entrevistas, como nos aponta o estudo de Oliveira *et. al.* (2009). Isso, segundo o artigo, baseia-se no fato de que os novos paradigmas induzem a novas práticas investigativas, uma vez que necessidades outras de pesquisa requerem outros tipos de ferramentas de investigação, como as entrevistas *online*.

Cada qual com um objetivo, as pesquisas se diferem em níveis temáticos ou procedimentais, tendo, no entanto, a necessidade do uso da *internet* como ferramenta. A palavra necessidade ganha destaque nessa discussão uma vez que optar por esse tipo de metodologia, não implica apenas escolha, mas um caminho metodológico que o próprio objeto de pesquisa exige do pesquisador quando este enfoca temáticas de abordagens

³ Entenda-se por FSC (Ferramentas Síncronas de Comunicação) todas as ferramentas de comunicação online como *MSN*, *Skype*, *Google Talk*, *Yahoo Messenger*, que permitem comunicação direta e instantânea entre seus usuários, sendo a maioria de uso gratuito, de fácil acesso e manejo.

complexas – que possam vir a causar constrangimento – ou quando pesquisador e/ou entrevistado não dispõem de meios de locomoção ou tempo hábil para encontros presenciais.

Diante desse quadro, foi possível perceber que o uso das FSC tem permitido que metodologias anteriormente aplicadas apenas presencialmente – como os grupos focais – possam ser realizadas com os recursos da *web*, como apresentam Stancanelli (2010) e Liang (2010). No entanto, nossa atenção está voltada para as entrevistas e, desse modo, alguns trabalhos merecem destaque, uma vez que nosso intuito com o artigo é discutir a funcionalidade das mesmas, no formato *online*, como metodologia para a construção de dados de pesquisa.

Um trabalho que nos chamou atenção foi proposto por Charczuk *et al* (2009) em que as autoras traçam considerações acerca do uso do *MSN* em entrevista para pesquisas qualitativas. O objetivo do artigo foi revisitar pesquisas realizadas nos cursos de pós-graduação em educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), cujas metodologias aplicadas se baseiam no uso de entrevistas via FSC. O pano de fundo para a investigação é o método clínico de Piaget que, segundo as autoras, implica na realização de “um diálogo que se constrói a partir da interação entre os interlocutores, permitindo que as entrevistadoras modificassem perguntas e seguissem o raciocínio da entrevistada, solicitando esclarecimentos” de modo síncrono. (CHARCZUK, 2009, p. 08)

No entanto, o trabalho evidencia que, por se tratar de discurso escrito, é possível que os entrevistados tenham mais tempo para refletir sobre suas respostas, de modo a evitar certas contradições que poderiam ocorrer em uma entrevista pautada no discurso oral. Segundo o texto, o processo de entrevistas *online* apresenta pausas durante a digitação das respostas, o que pode vir a causar dúvida nos pesquisadores acerca do foco dado pelos entrevistados nas respostas, criando a ideia de que os mesmos dividiam sua atenção com outras atividades. Ainda sobre o procedimento, o estudo relata que o tempo de realização da entrevista via *MSN* é duas ou três vezes maior que o da entrevista presencial. As autoras encerram o artigo ressaltando que a utilização do *MSN* é satisfatória, mas que, no entanto, deixa a desejar no que diz respeito à observação de expressões e ações do entrevistado. Isso, de acordo com o artigo, pode ser minimizado se antes da entrevista houver um combinado de regras a serem seguidas por entrevistador e entrevistado. Como fechamento, sugere-se que o método de entrevistas *online* é válido, mas que é preciso que se analisem outras empirias com diferentes enfoques e contextos a fim de se encontrar meios de minimização dos problemas e sofisticação dos usos das ferramentas em questão.

O estudo de Hinchcliffe & Gavin (2008) se destaca por apresentar uma ampla revisão de literatura sobre entrevistas *online*, o que nos coloca em contato com a diversidade de ideias e questões sobre o tema. As autoras nos atentam para o fato de que as entrevistas via FSC ainda são pouco utilizadas. No entanto, dentre os estudos que buscaram revisar, foi possível organizar um conjunto de benefícios relacionados às entrevistas *online*: a) são mais rápidas e menos formais que aquelas realizadas via *email*; b) facilitam o armazenamento das conversas; c) possuem baixos custos, uma vez que a maior parte dessas ferramentas estão disponíveis gratuitamente para *download*; c) é um modelo mais atraente àqueles que possuem dificuldades para se expressar em um encontro cara a cara; d) pode reduzir o estado de apreensão do respondente; e) evita as demoradas transcrições e f) podem ser realizadas em locais e datas solicitados pelos entrevistados.

Essas ideias são complementadas pelas mesmas autoras em outro estudo, realizado em 2009. Nesse, além de analisar a funcionalidade do método de produção de dados, as pesquisadoras traçam um panorama de objetos de pesquisa e situações que exigem o uso da entrevista *online*. Categorias como conveniência, acessibilidade, conforto, confidencialidade, anonimato, não necessidade de transcrição se destacam. Os pontos negativos apresentados são menores que os positivos, circunscrevendo um quadro de categorias que contêm: ausência de sinais não verbais, problemas técnicos operacionais, dificuldades de digitação, distração ao responder. Evidencia-se o fato de que cada vez mais os recursos síncronos estão sendo utilizados de modo que, para a entrevista, a operacionalização técnica da produção de dados, que ainda está em fase inicial e de experimentação, pode vir a se tornar uma prática corriqueira no âmbito da pesquisa. O artigo acrescenta ainda, citando Clarke (2000), que a *internet* pode permitir uma percepção de anonimato, gerando maior confiança, facilitando a participação ativa, envolvimento, reflexão e honestidade, porque evita interpretações errôneas de sinais de expressão como bocejos, que podem desencorajar ou distrair o pesquisador, criando expectativas de adivinhação do que o outro estaria pensando. A metodologia permite ainda a entrada fácil dos dados em programas e *softwares* de análise qualitativa.

Nessa linha de prós e contras relacionados às entrevistas via FSC, Davis *et. al.* (2004) tentaram compreender como se dão os encontros combinados pela *internet* entre homens homossexuais ou bissexuais, bem como as relações destes com o uso do preservativo e com questões diretamente ligadas à infecção pelo vírus HIV. Segundo os pesquisadores, o tema era considerado de abordagem complexa e as entrevistas *online* viriam a ser canais facilitadores para a produção dos dados. Como principais pontos positivos os pesquisadores destacam: facilidade de contato entre entrevistadores e

entrevistados, independentemente de tempo ou espaço, custos reduzidos, facilidade na abordagem de temas complexos sem causar constrangimento no entrevistado que, de certo modo, se protege por detrás da tela do computador. Como aspectos a serem repensados sobre a técnica, encontram-se o dobro do tempo gasto na realização das entrevistas *online* – em comparação com as presenciais – e as ambiguidades interpretativas, uma vez que os autores diferenciam o discurso *online* do discurso oral, proveniente das entrevistas presenciais. Para eles, o discurso obtido através das entrevistas via FSC podem assumir sentidos outros que impedem percepções mais detalhadas e livres de ambiguidades textuais ao serem analisadas pelo pesquisador. No entanto, o artigo aponta que o uso de elementos gráficos como os *emoticons*, de certo modo delineiam o desejo de expressão do entrevistado. Como fechamento do estudo, percebe-se que não há certeza na eficácia do uso da metodologia de modo isolado, mas que essa é vista como um caminho para um futuro próximo em pesquisa, principalmente se associada a outros instrumentos de produção de dados qualitativos.

Mais direcionados para questões concernentes à esfera da cultura digital, Fontes & O'Mahony (2008) partem da premissa de que estudar o que ocorre na *web*, necessita de metodologias que também possam ser aplicadas nesses espaços. Esses autores buscam aferir os tipos de relações sociais possíveis, tendo como sujeitos analisados os usuários de redes sociais. Para tal, foram realizadas entrevistas via FSC para a produção de dados, os quais, basicamente, dialogam com os resultados do estudo de Davis *et al*: baixos custos, facilidade de acesso ao entrevistado, necessidade de comportamentos usuais no ambiente da *web* – etiqueta na forma de comunicação *online*. Como pontos a serem considerados, os autores evidenciam o fato de que tanto pesquisadores como entrevistados devem conseguir manejar as ferramentas *web* bem como ter acesso à *internet*. Por fim, o artigo indica que a metodologia traz avanços ao universo da pesquisa, mas que é necessário estar ciente dos riscos e das implicações relativas aos dados produzidos, devendo o pesquisador estar atento à profundidade e qualidade dos dados.

Para Opdenakker (2006) as entrevistas através de ferramentas síncronas de comunicação devem ser aplicadas quando

[...] sinais sociais do entrevistado não são fontes de informação importantes para o entrevistador (claro que depende do problema de pesquisa); o entrevistador tem um orçamento pequeno e menos tempo para viajar; procura de acesso a pessoas em sites, que têm acesso fechado ou limitado (tais como hospitais comunidades religiosas, as prisões, os militares e os cultos); padronização da situação de entrevista não é importante; anonimato é solicitado; tanto o entrevistador e o entrevistado são competentes o suficiente no tipo de escrita e usando (e ter acesso a) computadores. (OPDENAKKER, 2006, p.11).

Essa lista, uma pequena amostra, serve como ilustração para o fato de que gradativamente as FSC têm sido aplicadas. Trata-se não apenas de por uma questão de facilidade operacional, como também de coerência metodológica e processual. Isso justifica o uso da metodologia em foco para a obtenção de respostas específicas e que concernem a objetos específicos a serem investigados. São aqueles que, como na nossa empiria, exigem sigilo, anonimato garantido e confiança para que haja uma exposição livre de reflexões e ideias, oferecendo ao pesquisador dados suficientes para uma boa análise.

Nos itens seguintes apresentaremos de modo sintético como se deu nossa empiria e de que maneira as entrevistas via FSC foram empregadas para o entendimento acerca das questões que se concentram na fronteira entre os conceitos de autoria e plágio.

Conexões: pesquisa sobre plágio e entrevistas *online*

Nossa pesquisa teve como meta entender as concepções de autoria e plágio que possuem licenciandos e professores de cursos de licenciaturas, assim como aferir os porquês de se plagiar, em que situações e com que recursos o plágio é realizado e quais as justificativas dadas para o ato em questão. Para tal, utilizamos entrevistas semiestruturadas (ver as entrevistas usadas nos Anexos I e II). Esse tipo de entrevista, de acordo com Rizzini (1999, p. 63) é

[...] aplicada a partir de um pequeno número de perguntas para facilitar a sistematização e a codificação. Apenas algumas questões e tópicos são pré-determinados. Muitas questões podem ser formuladas durante a entrevista e as irrelevantes são abandonadas. [...] Mesmo quando se utiliza um roteiro as entrevistas oferecem ao entrevistador uma amplitude considerável de questões. O excesso de intervenções, as interpretações do entrevistador, controlando demasiadamente o conteúdo pode atrapalhar o entrevistado e induzi-lo a valorizar determinada temática em detrimento de outras que deveriam surgir espontaneamente.

As entrevistas em questão, seguindo a sugestão dos autores acima citados, seguiram um protocolo flexível que continha três eixos fundamentais: pesquisa, *internet* e plágio. Uma de nossas preocupações, ao abordar o último eixo, era não gerar constrangimento nos entrevistados, criando uma atmosfera de liberdade e confiança que permitisse a eles a exposição de suas ideias e a admissão do plágio (quando pertinente), sem o temor de represálias, ou julgamentos do pesquisador acerca de suas condutas éticas referentes à pesquisa acadêmica. Por esse motivo, utilizamos dois modos de entrevistas em que o participante pudesse escolher de acordo com o que melhor lhe conviesse. O primeiro modelo foi o presencial, em que audiografações foram realizadas para posterior transcrição. O segundo, o modo *online*, foi realizado através de FSC em que os

participantes emitiram suas opiniões e respostas às questões da entrevista. Neste caso, as trocas de mensagens foram salvas em arquivos digitais para análise posterior.

O número de entrevistados não foi pré-estabelecido, uma vez que operaríamos com o modelo de ponto de saturação (FONTANELLA *et al*, 2008), ou seja, as entrevistas seriam realizadas enquanto houvesse dados novos sendo produzidos e seriam encerradas mediante a repetição frequente de argumentos.

Para mantermos o rigor acadêmico, ainda que optando pelo uso do ponto de saturação, decidimos que o número de entrevistados em caráter presencial deveria ser o mesmo para o modelo *online*, a fim de podermos confrontá-los na análise dos dados, garantindo um resultado de pesquisa mais contundente.

Participantes

Participaram da pesquisa alunos e professores de cursos de licenciatura de universidades públicas, particulares e confessionais. Operar com esses três tipos de universidades tornou-se necessário uma vez que queríamos observar se há diferença no tratamento, orientação ou entendimento do plágio entre esses setores do ensino superior.

Foram entrevistados nove professores de cursos de licenciatura, sendo três da rede pública (federal ou estadual), três da rede particular e três da rede confessional. Todos os professores entrevistados eram do estado ou município do Rio de Janeiro e todos foram entrevistados em caráter presencial, uma vez que estes optaram pelas entrevistas presenciais.

No caso dos licenciandos entrevistados, estes foram divididos de acordo com o tipo de universidade e com o modo de entrevista, conforme ilustra o quadro 1, a seguir:

TIPO DE UNIVERSIDADE			
Modo de entrevista	Pública	Particular	Confessional
Presencial	5 licenciandos	5 licenciandos	5 licenciandos
FSC	5 licenciandos	5 licenciandos	5 licenciandos

Quadro 1 – Participantes licenciandos

Fonte: Dias & Eisenberg, 2013

O modelo de entrevistas via FSC permitiu que entrevistássemos não apenas universitários do município e estado do Rio de Janeiro, como também de outros estados, tais como Minas Gerais (4 participantes) e Rio Grande do Sul (2 participantes).

Recrutamento

Tentamos primeiramente recrutar licenciandos através de anúncios em redes sociais e através de nosso círculo de contatos via *e-mail*. Essa empreitada não foi bem sucedida, uma vez que poucas respostas foram positivas no que diz respeito à participação na pesquisa.

Por esse motivo, modificamos a nossa forma de recrutamento, passando a pedir aos entrevistados que nos indicassem amigos ou conhecidos que quisessem participar da pesquisa. Acreditamos que as indicações então se fizeram viáveis porque geraram nos participantes a confiança desejada para concederem a entrevista, sabendo que um amigo ou colega havia previamente participado do processo. Devemos ressaltar a importância que vemos aqui em estabelecer uma relação de confiança com os entrevistados, uma vez que tratamos de um assunto polêmico e delicado, podendo envolver possíveis confissões de transgressão acadêmica: no caso, o plágio.

Todos os participantes foram devidamente orientados sobre a metodologia utilizada na investigação, bem como sobre o objetivo das entrevistas e como seriam utilizadas. Todas essas informações constavam do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado por todos os participantes, garantindo a eles o direito ao anonimato assim como a liberdade de deixar a pesquisa a qualquer momento. Além disso, as entrevistas foram realizadas em datas e horários sugeridos pelos participantes, para que suas rotinas não fossem prejudicadas.

Para as entrevistas via FSC, o termo de consentimento foi anexado no primeiro momento da conversa e ao participante pedimos que assinasse (digitando seu nome), logo abaixo do texto, caso concordasse com os termos, para que então a entrevista pudesse ser iniciada. Eles tiveram também a possibilidade de escolher seus pseudônimos para o caso de citação de trechos de suas falas em produções acadêmicas. Do total de 39 entrevistados, entre professores e licenciandos, 24 escolheram codinomes. Os demais deixaram a nosso critério a invenção de pseudônimos.

Foram anotados os contatos – telefones e *e-mails* – de todos os participantes para que os mesmos pudessem ser comunicados dos resultados da investigação no momento de sua conclusão, bem como a eles foram passados os nossos contatos.

Procedimentos

O processo empírico se iniciou com o recrutamento dos participantes. Como já dito, As entrevistas foram agendadas dentro das possibilidades de horário de cada um. Estas tiveram duração que variou entre trinta minutos a uma hora e quarenta e sete minutos. A mais curta proporcionou 10 laudas de transcrição e a mais longa gerou o cômputo de 36 laudas. As entrevistas, tanto presenciais como via FSC, somaram juntas um número de 586 laudas, todas salvas em formato digital e impressas.

Organizados os dados, perguntamo-nos se o modo de entrevista poderia produzir dados muito diferentes em forma e conteúdo. Para responder parcialmente a essa pergunta, escolhemos duas entrevistas de modo presencial e duas em modo *online*. Essas últimas foram adaptadas de modo a se retirar marcas de oralidade ou marcas do ambiente digital, tornando-as mais semelhantes entre si. Em seguida, fizemos a leitura oral das mesmas para quatro membros do nosso grupo de pesquisa, que atuaram como juízes cegos. O objetivo dessa ação foi perceber se os juízes diferenciariam as entrevistas produzidas *online* das presenciais. O resultado desse teste mostrou que os juízes não conseguiram diferenciar os modos de entrevista.

Resultados referentes à metodologia aplicada

Tivemos como resultado que, entre os 30 estudantes entrevistados, apenas 9 (30%) confessaram já ter plagiado. A Tabela 1 traz os resultados do plágio.

PANORAMA DO PLÁGIO ENTRE LICENCIANDOS			
DECLARAÇÕES	PRESENCIAIS	FCS	TOTAL
Plagiam intencionalmente	4	5	9
Plagiam não intencionalmente	7	2	9
Não plagiam	4	8	12
Total	15	15	30

Tabela 1 – Declarações de plágio
Fonte: Dias e Eisenberg, 2013

Realizamos um teste chi-quadrado para verificar a possibilidade da diferença de declaração de plágio entre FSC e presencial ser significativa. O valor obtido revela que não há diferença ($X^2 = 2,22$, $p = 0,14$). Ainda que os dados não tenham mostrado diferença na taxa de “confissão” dos estudantes com base no modo de produção das entrevistas, vimos que, além desses, outros alunos ainda cometem plágio, mas de modo não intencional. A Tabela 2 ilustra esses resultados.

Universidade	Tipo de entrevista		Total
	Presencial	FSC	
Pública	1	1	2
Privada	2	0	2
Filantrópica	4	1	5
Total	7	2	9

Tabela 2 – Ocorrência de plágio não intencional nas universidades

Fonte: Dias & Eisenberg, 2013

A tabela mostra que há mais alunos que plagiam de forma não intencional na entrevista presencial que no modo FSC. Os dados, portanto, não confirmam nossa hipótese de que o modo de entrevista FSC deixaria o estudante mais à vontade para admitir o plágio. Ainda assim, o processo de realização, como esperávamos, apresentou algumas distinções entre os dois modos.

As entrevistas via FSC demandaram mais tempo para a realização. Acreditamos que os entrevistados dividiam sua atenção entre responder as questões e a realização de outras atividades, dentro e/ou fora da *internet*. A digitação ocorria de forma lenta. Atribuímos isso a dois possíveis fatores: problemas na conexão, ou um maior cuidado para responder a pergunta. Como a escrita permite edição, podendo a resposta ser mais calculada, cuidadosa, evitando acidentes que ocorrem na oralidade, e como um texto é mais definitivo que a oralidade, pode ter havido preocupação em enviar um texto com menos problemas de coesão gramatical e mais coerente, sem as oscilações de expressão, ou desvios do tema, comuns no discurso oral.

Outra questão inerente à metodologia FSC é a eficiência da tecnologia. Não tivemos como garantir uma conexão boa do nosso lado, mas, principalmente, do entrevistado. Assim, houve, em duas entrevistas, perda da conexão, o que gerou certo transtorno. No primeiro caso, o entrevistado ficou sem conexão e retornou após cinco minutos. No segundo caso, o pesquisador perdeu a conexão com a *web*, retornando após dez minutos.

Em outro evento, um dos participantes, após responder à terceira questão, deixou de fazer contato. Mesmo com o apelo do pesquisador, não houve resposta. Após quarenta minutos o participante disse desejar se retirar da pesquisa. O pedido foi imediatamente acatado.

Outro ponto a ser observado foi que três participantes recrutados não se conectaram à *internet* no horário estabelecido, deixando o pesquisador na expectativa do contato. Com a não realização dessas entrevistas, foi necessário recrutar outros participantes. Isso nos leva a crer que o processo de entrevistas *online* apresenta maior fragilidade no que concerne ao compromisso do participante, tornando-se mais passível de atrição.

Apesar dos contratempos, as entrevistas via FSC facilitaram o trabalho do pesquisador, pois nenhum dado se perdeu, não houve problemas com a decodificação, uma vez que falhas, como as de áudio, não ocorrem e o texto fica integralmente registrado.

Outro ponto a ser observado é que a entrevista *online* coloca entrevistador e entrevistado em um nível de exposição bastante semelhante, se considerarmos que tanto um quanto o outro estão sujeitos a incoerências ortográficas, a vícios de digitação ou de linguagem digital, o que, de certo modo, apesar da máquina como mediadora, humaniza o processo, diminuindo assim a tensão (leia-se relação hierárquica) que permeia uma entrevista presencial.

Ao contrário das entrevistas *online*, as presenciais ocorreram sem nenhum contratempo. Os participantes compareceram nos horários estipulados e autorizaram a audiogravação da entrevista, o que permitiu a fluidez da conversa.

Por outro lado, o processo de transcrição foi prejudicado por pequenas falhas no áudio – algumas palavras ficaram inaudíveis, outras não puderam ser decodificadas – impedindo que alguns termos ou palavras fossem transcritos. No entanto, apesar dessas falhas, essa perda de dados não foi substantiva a ponto de alterar os resultados ou impedir que as perguntas de pesquisa fossem respondidas.

Outra diferença encontrada entre os métodos se dá em relação à transcrição. As entrevistas online garantem ao entrevistado a íntegra do texto (pois ele tem a chance de editar o que diz), o que não pode ser feito oralmente – o que foi dito, fica registrado, uma vez enviado para o pesquisador. Além disso, a entrevista *online* fica arquivada em um histórico, impedindo que o pesquisador altere o sentido das respostas dadas. Já para as entrevistas audiogravadas, a não ser que o entrevistado solicite uma cópia (o que não aconteceu), ele fica sem acesso ao que produziu como dado, permitindo assim a possibilidade de uma eventual conduta antiética por parte do pesquisador.

Discussão

Ao revisitarmos nossa empiria para realizar o debate aqui proposto, percebemos que muitas das observações feitas por outros estudiosos coadunam com aquilo que encontramos ao aplicar a metodologia de entrevistas via FSC. Desses pontos, evidenciamos os mais relevantes para nossa discussão baseando-nos: a) no que os autores revisados apontam como necessidade de se trazer para o debate; b) na urgência de responder aos nossos próprios questionamentos de pesquisa.

Em primeiro lugar, corroboramos as ideias expressas por Fontes & O'Mahony (2008) e Opdenakker (2006) de que entrevistas *online* devem ser aplicadas em situações específicas, para aferição de questões peculiares. Entendemos como peculiares situações como a necessidade de anonimato e da criação de uma atmosfera de confiabilidade que colocasse os respondentes em uma posição de segurança para poderem se expressar de forma honesta.

Nossa empiria dialoga diretamente com os estudos de Hinchcliffe & Gavin (2009), Clark (2000) e Davis *et. al.* (2004). Ao elaborar nossa metodologia, levamos em consideração que o tema do plágio entre alunos e professores universitários seria delicado e que, possivelmente, não obteríamos confissões ou declarações se não utilizássemos um canal mais impessoal que o presencial. Nossa hipótese para esta pesquisa era de que mais estudantes confessariam plágio no modo FSC do que no presencial. No entanto, nossa hipótese não foi confirmada. Fomos surpreendidos, isto sim, uma vez que não apenas no modelo *online* tais declarações foram realizadas; presencialmente vimos também confissões de plágio e declarações de como os estudantes lidam com a questão. A espontaneidade evidente nas falas dos estudantes nos levou a compreender o quanto o tema tem sido banalizado, e como talvez haja certa ingenuidade por parte deles ao lidar com a questão. Alguns dos entrevistados não perceberam o plágio como um erro, ou não entendiam que suas ações pudessem configurá-lo.

Ainda sobre a temática da confiança, atribuímos a liberdade dos entrevistados em “confessar” o plágio na entrevista presencial a dois fatores: o primeiro diz respeito à conversa que antecedeu cada entrevista, na qual deixávamos claro que nosso intuito não era o de apontar as falhas ou julgar as atitudes, mas de pensar soluções que, a médio prazo, pudessem ser empregadas no sentido de favorecer o trabalho conjunto de professores, universidades e alunos, na construção de autorias, o que, para nós, seria um caminho de redução do plágio. O segundo fator foi a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelo pesquisador e contendo todos os dados de contato do mesmo, da orientadora da pesquisa, bem como da universidade em que a empiria fora realizada. O Termo dava ao entrevistado a garantia da não divulgação de sua identidade, bem como certificava o participante do uso de um pseudônimo para ele caso trechos de suas falas fossem utilizadas.

No que diz respeito ao tempo de realização, concordamos com Charczuk *et. al* (2009) e Davis *et al* (2004). Eles encontraram em suas empirias um tempo de realização das entrevistas *online* maior do que as presenciais. Em nossa investigação, o tempo de

realização praticamente dobrou, o que vai em direção contrária às percepções de Hinchcliffe & Gavin (2008), que obtiveram maior rapidez no processo de entrevistas *online*.

Acreditamos que a questão do tempo de realização seja diretamente proporcional não somente à quantidade de questões propostas ao respondente, mas também ao tempo que o mesmo destina a responder as questões. Concordamos com o pensamento de Charczuk *et al* (2009) quando dizem que as entrevistas via FSC permitem ao entrevistado maior tempo para reflexão antes de registrar sua resposta, o que pode alongar o tempo de realização das entrevistas. Esse ponto é relevante na medida em que acreditamos que, ao ter tempo de elaborar e digitar o texto há maior possibilidade para reflexão sobre o que se diz. Desse modo, acreditamos que aumentam as chances de construção de respostas mais fundamentadas ou calculadas, se comparadas àquelas provenientes dos impulsos enunciativos das entrevistas presenciais. Nestas, observamos a existência de repetição de ideias assim como contradição das mesmas, o que de certo modo dificultou o trabalho de análise, uma vez que as falas expressam mais claramente a ambiguidade que o entrevistado tem em relação ao tema. Isso se perde ou é eliminado pela escrita com edição.

É fato que, para que o modelo de entrevista *online* ocorra, tanto o pesquisador quanto o respondente devem possuir acesso à *internet*, assim como devem saber minimamente acessar e manejar as ferramentas síncronas de comunicação (FONTES & O'MAHONY, 2008) e HINCHCLIFFE & GAVIN, 2009).

Ao contrário do que argumenta Opdenakker (2006), para efeito de nosso objeto de pesquisa não sentimos falta em nossa empiria da visualização de sinais sociais do entrevistado. O uso de sinais gráficos digitados pelos entrevistados, bem como o uso de *emoticons* para expressar o que sentiam no ato da entrevista, supriram minimamente os sinais faciais ou corporais. Cabe lembrar que é possível através das FSC ter acesso à voz e à imagem do entrevistado, desde que fique previamente estabelecido esse acordo (CHARCZUK *et al* 2009).

Talvez o processo de entrevistas *online* seja mais tenso para o entrevistador do que para o entrevistado, uma vez que ele precisa se policiar o tempo todo para não direcionar as respostas e nem dar ao entrevistado sinais de que concorda ou discorda com seus pontos de vista.

Outro contraste importante a ser feito diz respeito ao posicionamento do entrevistador. A entrevista presencial requer um nível de "atuação" por parte dele (ou dela) para evitar influenciar as respostas do participante. Reações naturais, como surpresa, indignação, raiva, tédio, angústia, podem ser facilmente detectadas quando um está frente

ao outro. Por outro lado, na entrevista via FSC, essas expressões de emoção podem ocorrer livremente, já que o entrevistado não as pode ver.

Palavras de ordem do entrevistador durante o processo foram: *ok, compreendo, sim, certo*, o que dão ao entrevistado o retorno por ele esperado – de que suas respostas estão sendo lidas – mas que não possuem nenhum julgamento de valor sobre os enunciados recebidos pelo entrevistado.

Com base nas divergências apontadas entre a nossa e outras pesquisas, ainda não parece existir um consenso acerca da efetividade das entrevistas *online*. Contudo, gradativamente podemos perceber que caminhos estão sendo delineados apontando para situações em que esse mecanismo de produção de dados possa ser considerado profícuo. Discutiremos a seguir que essas, assim como outras decisões metodológicas, baseiam-se menos na efetividade do instrumento e mais em quão bem ele serve ao objeto.

Considerações finais

A respeito das entrevistas *online* para produção de dados qualitativos, é possível dizer que estas, apesar dos pontos negativos apresentados, foram eficazes para a obtenção das respostas que buscávamos com a investigação. Não percebemos vantagens significativas das entrevistas presenciais sobre àquelas *online* no que se refere ao tipo de resposta dada; a confissão do plágio se deu em ambas as metodologias de forma semelhante. No entanto, os textos obtidos através das entrevistas via *web* foram mais claros e precisos que os audiogravados e o entrevistado mostrou-se mais atento ao que digitava, na possível tentativa de ser coerente e de evitar ambiguidades.

Desse modo, entendemos a entrevista via FSC como técnica viável para a produção de dados em que os fatores sigilo, anonimato e constrangimento sejam de relevância. Quando o anonimato e a discrição são fatores mais importantes que ver a pessoa no seu conjunto expressivo, julgamos recomendável o uso da ferramenta.

Acreditamos ainda que, em médio prazo, esse modelo metodológico ganhará mais espaço no campo investigativo, ampliando as possibilidades de abordagem de temas sensíveis, aproximando pesquisadores e entrevistados, facilitando o processo de produção, tratamento e análise de dados.

Por fim, há que se lembrar de que a entrevista via FSC permite à pesquisa, como em nosso caso, transpor as barreiras do espaço físico, viabilizando que entrevistas sejam realizadas com participantes em qualquer lugar da cidade, estado ou do mundo. Mais uma vez, ao objeto de pesquisa cabe o ajuste da metodologia mais apropriada ou desejada.

Referências

CHARCZUK, S. B.; SEVERO, D. MARQUES, T. B. I. A utilização do MSN como ferramenta para a realização de entrevistas baseadas no método clínico piagetiano. *Anais do III Simpósio Internacional de Educação da Ulbra Torres*. ULBRA: Torres, 2009.

CLARKE, P. The Internet as a platform for qualitative research. In.: *2nd annual conference on world-wide web applications*. [Versão Eletrônica]. Maio de 2007. Disponível em: <<http://generalupdate.rau.ac.za/infosci/conf/Wednesday/Clarke.htm>>. Acesso em: 26 agosto 2013.

DAVIS, M., BOLDING, G., HART G., SHERR, L. & ELFORD, J.. Reflecting on the experience of interviewing online: perspectives from the Internet and HIV study in London. In.: *AIDS CARE*, Novembro de 2004, VOL. 16, Nº. 8, p. 944-952. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15511726>>. Acesso em: 22 setembro 2013.

FONTES, T. O., O'MAHONY, M. In-depth interviewing by Instant Messaging. In.: *Social research Update*, 2008. Disponível em: <<http://sru.soc.surrey.ac.uk/SRU53.pdf>>. Acesso em: 05 agosto 2013.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

HINCHCLIFFE, V & GAVIN, H. *Internet Mediated Research: A Critical Reflection upon the Practice of Using Instant Messenger for Higher Educational Research Interviewing*. In: *Psychology & Society*, 2008, Vol. 1 (1), 91 - 104. Disponível em: <http://www.psychologyandsociety.org/__assets/__original/2008/11/Hinchcliffe_Gavin.pdf>. Acesso em: 14 março 2013.

_____. Social and Virtual Networks: Evaluating Synchronous Online Interviewing Using Instant Messenger. In.: *The Qualitative Report* Vol. 14 Nº 2, Junho de 2009, 318-340. Disponível em: <<http://www.nova.edu/ssss/QR/QR14-2/hinchcliffe.pdf>>. Acesso em: 14 março 2013.

JANGHORBAN, R, ROUDSARI, R. L. & TAGHIPOUR, A. Skype interviewing: The new generation of online synchronous interview in qualitative research. Commentary. *International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-Being*, Vol. 9, 1-3, 2014.

LIANG, M. Using Synchronous online peer response groups in EFL Writing: Revision-Related Discourse. In: *Language Learning & Technology*, Vol. 14, Nº 1, fevereiro de 2010. 45-64. Disponível em: <<http://lt.msu.edu/vol14num1/liang.pdf>>. Acesso em: 22 de setembro 2013.

MERCADO, L.P.L. *Pesquisa qualitativa on-line utilizando a etnografia virtual*. Revista Teias v. 13, n. 30, 169-183, set./dez. 2012.

OPDENAKKER, R. Advantages and Disadvantages of Four Interview Techniques in Qualitative Research. In.: *Forum: Qualitative Social Research*. Nº 4, vol. 7, 2006. Disponível em: <<http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/index>>. Acesso em: 10 junho 2013.

RIZZINI, I. *Pesquisando: guia de metodologias de pesquisa para programas sociais*. Rio de Janeiro: USU Editora Universitária, 1999.

STANCANELLI, J. Conducting an Online Focus Group. In.: *The Qualitative Report*, Vol. 15 Nº 3 Maio de 2010, 761-765. Disponível em: <<http://www.nova.edu/ssss/QR/QR15-3/ofg2.pdf>>. Acesso em: 06 de agosto de 2013.

Submetido em 21/05/2016, aprovado em 29/10/2017.